

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
ESPECIALIZAÇÃO EM MODA, CULTURA DE MODA E ARTE**

**INDÚSTRIA TÊXTIL E PRODUÇÃO CULTURAL:
O DECLÍNIO DESVELADO**

MÁRCIA APARECIDA DE PAULA E SOUZA

**JUIZ DE FORA
2010**

MARCIA APARECIDA DE PAULA E SOUZA

**INDÚSTRIA TÊXTIL E PRODUÇÃO CULTURAL:
O DECLÍNIO DESVELADO**

Monografia apresentada ao Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para a obtenção do título de especialista em Moda, Cultura de Moda e Arte, turma 2009/2010.

Orientadora: Prof^a. Dra. Angela Brandão.

JUIZ DE FORA

2010

Indústria têxtil e produção cultural: o declínio desvelado

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo investigar, por meio de pesquisa histórica, a relação de dependência entre a produção cultural de Juiz de Fora e sua indústria têxtil, destacando seu processo de declínio, que teve como marco final o período compreendido entre as décadas de 1950 e 1960. O recorte temporal refere-se aos títulos Manchester e Atenas Mineira que a cidade de Juiz de Fora recebeu tanto por seu pioneirismo industrial quanto por reunir o melhor da produção artística e cultural, consolidando-se como importante cidade no cenário mineiro e nacional.

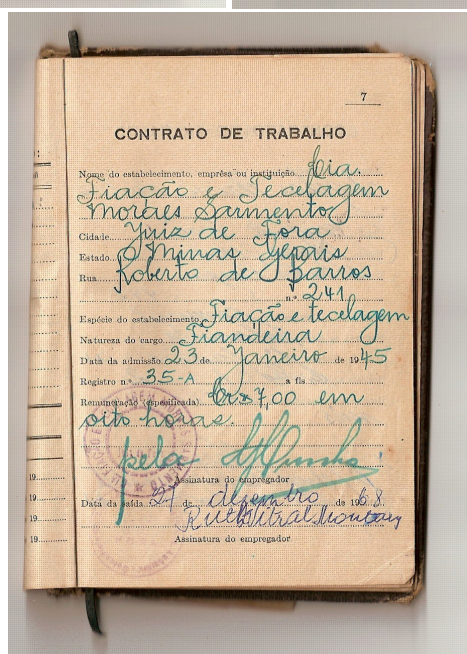
Palavras-chave: Indústria têxtil; Produção cultural; Juiz de Fora.

Discente: Márcia Aparecida de Paula e Souza.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Angela Brandão.

DEDICATÓRIA

À minha mãe Therezinha Gonçalves e Souza, operária da vida, de quem herdei o temperamento forte, a alegria, o espírito festeiro, e com quem aprendi que não estamos nesse plano por acaso e nem a passeio. Em sua breve passagem por aqui só me deu exemplos de que o verdadeiro sentido da vida está em amar, cuidar e conviver.



AGRADECIMENTOS

Aos queridos mestres Afonso, Angela, João, Miron por me levarem a novas descobertas, novos horizontes, e a novos olhares repletos de leveza e beleza.

A Vanda pela solicitude em me transmitir informações que muito contribuíram para a concretização deste trabalho.

Ao meu querido José Luiz, operário da arte, com admiração e reconhecimento pela luta incansável de levar cultura ao povo.

Às minhas meninas Helena e Mariana pela oportunidade do convívio e da amizade sincera.

Aos amores do meu coração e parceiros de todas as horas Rafael e Welington. Só tenho a agradecer a Deus por estes meses em que pude conhecer e descobrir pessoas maravilhosas. Aprendi e cresci muito e devo isso a vocês, sinônimo de amor e alegria, que levarei para sempre no meu coração.

A minha amada Princesa de Minas, meu berço natal, Juiz de Fora.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Trecho da Rodovia União e Indústria.	10
Figura 2: Ferrovia D. Pedro II.	11
Figura 3: Cia. Mineira de Eletricidade.	13
Figura 4: Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas.	14
Figura 5: Fachada da Fábrica Meurer.	14
Figura 6: Operários no interior da Fiação e Tecelagem Morais Sarmento.	14
Figura 7: Operários da Fiação e Tecelagem Morais Sarmento.	15
Figura 8: Fachada do Cine-Theatro Central nos tempos de exibição dos filmes.	22
Figura 9: Fachada do Cine Popular.	24
Figura 10: Acervo da Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras.	25

As fotografias que ilustram este trabalho foram retiradas no sítio:
http://radialistaleodeoliveira.blogspot.com/2009/10/juiz-de-fora-em-velhas-fotografias_12.html

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 JUIZ DE FORA: <i>URBE INDUSTRIAL</i>	09
2.1 Ascensão da indústria têxtil em Juiz de Fora	11
2.2 Decadência das indústrias em Juiz de Fora	16
3 PRODUÇÃO CULTURAL NA <i>ATENAS MINEIRA</i>	19
3.1 Transformações na produção cultural de Juiz de Fora	26
4 CIDADE E MEMÓRIA	28
4.1 Notas sobre a história oral	29
4.2 A história de Juiz de Fora retida na memória de seus moradores	31
5 CONCLUSÃO	38
6 RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	39
REFERÊNCIAS	40
ANEXO (Depoimento de José Luiz Ribeiro)	43

1 INTRODUÇÃO

O estudo que ora apresentamos tem a finalidade de investigar, por meio de pesquisa histórica, a relação de dependência entre a produção cultural de Juiz de Fora e sua indústria têxtil, destacando seu processo de declínio, que teve como marco final o período compreendido entre as décadas de 1950 e 1960. O recorte cronológico se sustenta nos seguintes parâmetros históricos: os títulos Manchester e Atenas Mineira que a cidade de Juiz de Fora recebeu tanto por seu pioneirismo industrial quanto por reunir o melhor da produção artística e cultural, consolidando-se, assim, como importante cidade no cenário mineiro e nacional.

A minha escolha pelo tema envolve dois aspectos: afetivos e profissionais. Sou filha de uma ex-operária da Companhia Fiação e Tecelagem Moraes Sarmiento, que funcionou onde hoje está localizado o Hipermercado Bretas, na esquina das ruas Benjamin Constant e Francisco Bernardino. Nas proximidades, também funcionava a Fábrica de Tecidos Santa Cruz, que deu nome ao Shopping, e, como moradora da região, cresci tendo meus horários norteados pelo apito das fábricas e do trem. Profissionalmente, sou graduada em Estudos Sociais, e apaixonada por história. Tanto que gosto de estudá-la, contar e ouvir.

Dividimos este trabalho em três partes. Em um primeiro momento procuramos abordar o aspecto econômico de Juiz de Fora, ou seja, o desenvolvimento industrial desde o nascimento, ascensão e consolidação das primeiras fábricas têxteis, que data de 1850 a 1930, à decadência industrial.

Em um segundo momento será discutida a tradição cultural do município que possui relação estreita com o desenvolvimento industrial da Manchester Mineira.

Por fim, num terceiro momento, dedicado a cidade e memória, conheceremos como a imagem de Juiz de Fora está registrada na fala de seus moradores. Para tanto, será utilizada a metodologia história oral, através dos relatos coletados junto a 3 entrevistados, selecionados por se tratarem de representantes vivos do período destacado para o estudo, como Dona Maria Cardoso da Silva, ex-operária da Fiação e Tecelagem Antônio Meurer, e Carlindo Pereira, que exerceu a profissão de gráfico até os 80 anos de idade. No caso do professor José Luiz Ribeiro por estar a 45 anos a

frente do Centro de Estudos Teatrais, Grupo Divulgação, responsável pela formação de várias gerações de atores e profissionais de comunicação.

2 JUIZ DE FORA: *URBE INDUSTRIAL*

Para situar o município de Juiz de Fora dentro do contexto da industrialização brasileira, procuramos repassar, brevemente, suas origens, os fatos que geraram seu crescimento, bem como os agentes representantes desse acontecimento.

As origens de Juiz de Fora aludem à abertura do Caminho Novo, estrada criada no século XVIII para servir de transporte do ouro. Este período assinala o surgimento de diferentes povoados, estimulados pelo movimento das tropas que ali transitavam rumo ao Rio de Janeiro.

Segundo OLIVEIRA (1966), surge o “Sítio ou Fazenda do Juiz de Fora no século XVIII, Vila de Santo Antônio do Paraibuna em 1850, Cidade do Paraibuna em 1853”. Passadas três décadas,

a localidade e toda a região da qual ficou sendo o centro voltaram a ter a primitiva denominação em 1865, quando o art. 13 de uma lei provincial de 19 de dezembro, determinou: “A Cidade do Paraibuna denominar-se-á Cidade do Juiz de Fora” (OLIVEIRA, 1966, p.64).

Apontada como importante centro urbano-industrial do estado de Minas Gerais durante o final do século XIX e início do século XX, Juiz de Fora vivenciou um processo de grande desenvolvimento econômico proporcionado pela agricultura cafeeira que se expandiu pela Zona da Mata mineira. Nas palavras de GIROLETTI (1988, p.24), “entre os núcleos industriais, o de maior destaque, quer pelo número de indústrias e de operários, quer pela riqueza produzida, foi o de Juiz de Fora”. E continua: “este local era o núcleo econômico mais dinâmico e a principal cidade do Estado até a década de 1930, quando gradativamente perde o predomínio para a capital – Belo Horizonte”.

A localização privilegiada da cidade associada à recém inauguração da Estrada União e Indústria, construída por Mariano Procópio Ferreira Lage, no início da década de 1860, ligando Juiz de Fora a Petrópolis, foi de fundamental importância para que a cidade viesse a se constituir como notório centro armazenador de café da região da Mata mineira, transformando-se em uma área urbana compatível com as dos maiores centros do país, sendo uma das poucas a possuir um sistema próprio de transportes,

eletricidade, financeiro e industrial. GIROLETTI (1988, p.34) é enfático ao destacar a importância da obra de Mariano Procópio: “a Rodovia União Indústria revolucionou o sistema de transportes em Minas Gerais e abria horizontes promissores à produção, ao comércio, à indústria e ao desenvolvimento de Juiz de Fora”. Para OLIVEIRA (1966),

nada contribuiu mais para o progresso de Juiz de Fora, nos primeiros anos da formação da cidade, do que a estrada União e Indústria, magnífica rodovia que Agassiz, visitando-nos em 1865, considerou ‘célebre tanto pela sua beleza como pela sua execução’, classificando-a como uma das melhores do mundo (OLIVEIRA, 1966, p.45).



Figura 1: Trecho da Rodovia União e Indústria.

Não obstante à abertura da Rodovia União Indústria, outros fatos marcaram o pioneirismo do município, como: sede do primeiro curtume industrial do país, a primeira cervejaria, a primeira estação telefônica, o primeiro grupo escolar e o primeiro transporte público de Minas Gerais. A cidade ainda se destacou ao inaugurar a primeira escola de ensino superior de comércio do país, a Academia de Comércio. O progresso de Juiz de Fora era tamanho que “uma relação enviada ao Governo provincial, em 1870 (nove anos após a inauguração da Rodovia), existiam 190 estabelecimentos industriais e comerciais em Juiz de Fora” (GIROLETTI, 1988, p.47).

2.1 Ascensão da indústria têxtil em Juiz de Fora

Os ganhos obtidos com a produção cafeeira, somados às facilidades de transporte, energia e mão-de-obra, possibilitaram um desenvolvimento industrial no município, sem precedentes no estado de Minas. A industrialização de Juiz de Fora data ainda do final do século XIX, fazendo com que a cidade apresentasse um crescimento urbano que rendeu louros à prosperidade da região, tornando-se um centro receptor de imigrantes italianos e alemães, com grande crescimento populacional e ampliação de seu mercado. OLIVEIRA (1966) destaca que

o estabelecimento das comunicações ferroviárias entre a Província de Minas e a Corte veio acelerar, muito mais que a União Indústria, o progresso de Juiz de Fora, trazendo para aqui novas fontes de prosperidade e despertando atenções gerais para a cidade [...] (OLIVEIRA, 1966, p.83).

Em seus escritos, VALE (1996) ressalta que

a inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II, em 1871, deu-se no momento em que não só se mudou o nome da cidade para Juiz de Fora, como também melhorias urbanas mostraram o aceleração de sua industrialização (VALE, 1966, p.3).



Figura 2: Ferrovia D. Pedro II.

Os elementos ora descritos são responsáveis pelo vigoroso processo industrial do município, bem como pelo recebimento do título Manchester Mineira, alusão ao

importante centro industrial inglês, pelo seu memorável desenvolvimento industrial, com destaque para o ramo têxtil, por representar uma réplica da Manchester original da aurora da Revolução Industrial. Segundo OLIVEIRA (1966),

nenhum dos títulos conferidos a Juiz de Fora por personalidades ilustres que visitaram e admiraram seu progresso, desde os primeiros anos de sua existência com foros de cidade, lhe calhou tão bem como “Manchester Mineira”, a ela atribuído, logo se vê, em virtude do extraordinário desenvolvimento industrial e, principalmente, de sua indústria têxtil (OLIVEIRA, 1966, p.201).

ANDRADE (1987) associa à industrialização de Juiz de Fora os fatos: bondes de tração animal (1885), telégrafo (1884), telefone (1883), água a domicílio (1885), energia elétrica e iluminação pública (1889), Banco Territorial e Mercantil de Minas Gerais (1887) e Banco do Crédito real de Minas Gerais (1889).

Como destacam CALVANO & GONÇALVES (2007), os séculos XIX e XX são marcados por um número crescente de inovações técnicas que transformaram, profundamente, a organização das sociedades. Assinalamos que a introdução do tear em território mineiro é fator de impulso à industrialização no município, associada a outros fatores. Decerto, o setor que mais se desenvolveu na cidade foi o da indústria têxtil. A vanguarda do parque industrial de Juiz de Fora foi comparada à cidade inglesa Manchester.

A produção fabril de tecidos no estado das Minas Gerais é nitidamente indicada com a criação de duas importantes fábricas, a Brumado, situada no município de Pitangui, e a Cedro, dos irmãos Mascarenhas, instalada na cidade de Sete Lagoas, conforme observam CALVANO & GONÇALVES (2007). A região da Zona da Mata Mineira inicia, na década de 1883, a produção fabril com a instalação da Fábrica Industrial Mineira na cidade de Juiz de Fora e, a Fábrica São Silvestre, em Viçosa, no ano de 1885.

Para CALVANO & GONÇALVES (2007), o industrial Bernardo Mascarenhas foi um dos principais responsáveis pela industrialização de Juiz de Fora, ao inaugurar, em 1887, a Cia. Mineira de Eletricidade, primeira usina hidrelétrica da América do Sul, que forneceu energia para as pequenas manufaturas. No ano seguinte, é fundada a

Tecelagem Mascarenhas. Estes foram, decerto, um dos vetores da dinamização fabril na cidade, marcando o início do desenvolvimento industrial de Juiz de Fora. A utilização da energia elétrica na produção industrial gerada pela Cia. Mineira de Eletricidade trouxe um novo dinamismo ao espaço de produção juizforano, possibilitando o desenvolvimento de diversas indústrias no município.



Figura 3: Cia. Mineira de Eletricidade.

Como afirmam CALVANO & GONÇALVES (2007), Juiz de Fora possuía uma grande porção de indústrias e era considerada a cidade de maior prestígio em Minas Gerais. O estabelecimento da sede da Cia. União e Indústria, a introdução dos imigrantes e, conseqüentemente, a criação da colônia D. Pedro II, foram um forte estímulo ao crescimento urbano e industrial. A segunda metade do século XIX é marcada pela inauguração de indústrias como a Fundição Kascher, no ano de 1865, Curtume Krambeck, em 1877, S.A. Henrique Surerus, década de 1886, Companhia Fiação e Tecelagem Mineira, em 1887, e Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas, no ano de 1888, Fábrica Meurer, Fiação e Tecelagem Morais Sarmiento, no ano de 1909.



Figura 4: Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas.



Figura 5: Fachada da Fábrica Meurer.

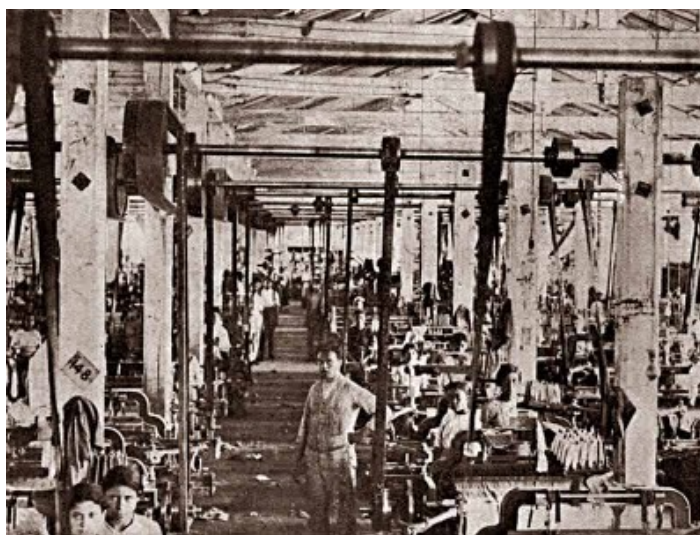


Figura 6: Operários no interior da Fiação e Tecelagem Morais Sarmento.

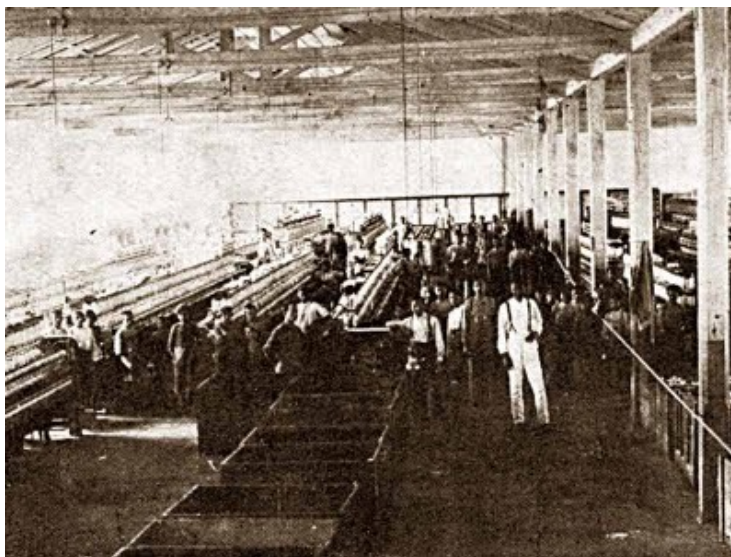


Figura 7: Operários da Fiação e Tecelagem Morais Sarmiento.

Importante salientar que na vinda dos imigrantes, incluía-se um variado número de especialistas, mecânicos, ferreiros e técnicos em construções de pontes, a partir de 1865, para a cidade proporcionou a organização de pequenos estabelecimentos industriais, como serrarias, curtumes, fábricas de implementos agrícolas, casa de comércio, entre outros.

CALVANO & GONÇALVES (2007) registram que o momento da circulação mecanizada e da industrialização em território juizforano se caracterizou por dois períodos. O primeiro com predomínio de pequenos fixos representados por fábricas e oficinas, com pouca produtividade e fluxo de operários, marcado pela utilização de baixo índice de capital investido e absorção de pequena quantidade de mão-de-obra. O proprietário do estabelecimento era, muitas vezes, o produtor direto e esta fase se entendeu até o fim do século XIX. O segundo período ocorre nos fins do século XIX e início do século XX. Ao lado dos pequenos fixos industriais que se mantêm e de outros que haveriam de se organizar, iniciaram-se as fundações e criação de médios e grandes fixos industriais locais com a produção em série e com grande fluxo de operários.

De acordo com GIROLETTI (1988, p.47), “uma relação dos estabelecimentos comerciais, de serviços e industriais para Juiz de Fora em 1877 dá conta da dinâmica

do processo de crescimento e diversificação da economia”. Acrescenta o autor, “as casas comerciais e de serviços de 153 passaram a 183. Dos 34 estabelecimentos industriais passou-se para 80, ou seja, houve um aumento de 135% em sete anos”.

2.2 Decadência das indústrias em Juiz de Fora

Pelo exposto, o processo de industrialização ocorrido na cidade de Juiz de Fora foi, decerto, um dos mais importantes sucedidos no país, no tempo que transcorre até os anos de 1930, possibilitando a cidade se tornar um notável centro industrial do estado de Minas Gerais naquele período.

A década de 1890 assinala o surto de industrialização do município de Juiz de Fora, muito em função do capital acumulado na cidade com as atividades agroexportadoras do café. Soma-se a este período a vinda de trabalhadores que possibilitou investimentos no setor de infra-estrutura, como a construção da Ferrovia D. Pedro II e, posteriormente, rodovias, eletrificação e mesmo telefonia.

Entretanto, o processo de industrialização de Juiz de Fora foi limitado, porém precoce, se cotejado aos importantes centros produtores do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal. A integração do mercado brasileiro concorreu para a estagnação e decadência do parque industrial de Juiz de Fora. A indústria, desenvolvida a partir das possibilidades e demandas muito regionais, não conseguiu se expandir e competir com a indústria do país, como se pode visualizar no quadro:

Quadro 1.1 – Indicadores Industriais (1907)

Local	Capital / Estabelecimento	Operário / Estabelecimento	Produção / Estabelecimento
Distrito Federal	254	52,6	334
São Paulo	393	74,2	362
Rio de Janeiro	415	69,8	270
Juiz de Fora	136,3	35,3	194

Fonte: Pires (1993)

Assinala PAULA (1976) que a limitada dimensão das empresas, a falta de concorrência e o pouco dinamismo do empresariado local, preso à estrutura familiar das empresas foram fatores decisivos para desestabilização das indústrias em Juiz de Fora. Para BASTOS (2000, p.5),

o deslocamento da cafeicultura para São Paulo e a integração do mercado nacional com a conseqüente polarização por este estado do crescimento industrial do país inviabilizou a manutenção de polos de industrialização isolados no país (como Juiz de Fora).

Os fatores narrados anteriormente aliados aos acontecimentos ocorridos no país a partir da década de 1930, como fatores políticos e os efeitos da depressão vão refletir na economia juizforana. BASTOS (2000) afirma que a indústria de Juiz de Fora cresceu até o limiar da década de 1940. Porém, os estabelecimentos industriais, no final dos anos 1930, já apresentavam sinais de crise. A autora vai além e assevera que

entre 1935 e 1941, por exemplo, não ocorreram alterações significativas no desempenho industrial da cidade, tanto em relação ao número de estabelecimentos, quanto do pessoal empregado (BASTOS, 2000, p.5).

O crescimento econômico brasileiro, nos anos 1950, está atrelado ao desenvolvimento da siderurgia, metalurgia, química e automobilística. Juiz de Fora esteve ausente dos grandes projetos idealizados para os novos ramos industriais. BASTOS (2000) nos explica que

os empreendimentos econômicos locais entraram, portanto, em processo de retração, marcado pela falência de várias indústrias tradicionais e pelo desmantelamento, em geral, da estrutura produtiva da cidade.

Juiz de Fora apresenta insuficiências em sua infra-estrutura, acarretando em impedimentos na elaboração de qualquer projeto para o revigoreamento econômico. O derradeiro ano 1960, data em que ocorreu, no Brasil, uma grave crise econômica e política, acentuou os problemas da indústria local, pois muitas empresas não conseguiram progredir, tendo como consequência o retardamento no ritmo do processo de industrialização do município. Por fim, BASTOS (2000) nos informa que os estabelecimentos locais entraram num decurso de falência, acarretando em várias indústrias tradicionais encerrando suas atividades. Novos empreendimentos não foram seguidos de similares, razão pela qual não possibilitaram a dinamização da estrutura produtiva da cidade.

3 PRODUÇÃO CULTURAL NA ATENAS MINEIRA

No capítulo que se segue serão apresentados os principais aspectos da produção cultural da cidade de Juiz de Fora, que mantêm estreita relação com o desenvolvimento do setor industrial. Para tal engenho, cumpre-nos ressaltar que, conforme relatado no capítulo anterior, Juiz de Fora, no século XIX, veio a se constituir em um importante centro econômico, político e social. Vamos, assim, elencar vários elementos retirados de diferentes textos para justificar o título que damos a este capítulo – Produção cultural na *Atenas Mineira*.

A cidade de Juiz de Fora se ampliou e se industrializou tornando-se um município moderno, ponto de confluência da população circunvizinha. Ganhou um plano de demarcação e nivelamento de ruas, telégrafo, imprensa, banco, bondes. Em 1889 foi inaugurada no município a primeira usina hidrelétrica de grande porte da América do Sul, a Usina de Marmelos, importante marco do setor elétrico do país e grande impulsionadora da indústria na cidade. O jornal Tribuna de Minas reconhece e atesta o pioneirismo da cidade:

Em 1880 os serviços urbanos foram ampliados, com bondes, telefones e a fundação do Banco de Crédito Real, em 1889. Neste mesmo ano a cidade ganhava também a primeira Usina Hidrelétrica da América Latina, construída pelo industrial Bernardo Mascarenhas. Através da energia elétrica, a cidade continuava a crescer principalmente no setor têxtil. No princípio do século XX Juiz de Fora possuía 58 indústrias e iniciava um ciclo de maior desenvolvimento ainda, incluindo aí o cultural.¹

O progresso da cidade se reflete na denominação *Manchester Mineira*. Não obstante, a cidade, por possuir, no fim do século XIX, uma dinâmica vida cultural, representada pelos teatros, jornais, colégios e intensa atividade literária fica conhecida como *Atenas Mineira*. Destacamos que a arquitetura reflete a prosperidade econômica e cultural, por meio do estilo eclético das construções, com diferentes manifestações do passado: o gótico, o grego e com a introdução, no século XX, do *art nouveau* e *art déco*. Mais tarde, na década de 50 do nosso século, encontramos construções com

¹ www.tribunademinas.com.br/especiais/museu/tp218.htm

concepções modernas, como as obras de Oscar Niemeyer e os painéis de Di Cavalcanti e Cândido Portinari.

A arquitetura buscava inspirações nos casarões do Rio de Janeiro, com todas suas extravagâncias. As casas eram então adornadas com abacaxis dourados nos telhados, bolas de vidro nas sacadas e pássaros de barro e cal nos muros, além dos jardins com seus repuxos. Grandes peças eram exibidas nos teatros Juiz de Fora e Misericórdia, que depois se transformaria no Teatro Novelli, de propriedade do fundador do Museu Mariano Procópio, Alfredo Ferreira Lage. A sociedade se encontrava nos cinemas Polytiama, Pax, Pharol, Glória e Halfeld, onde se misturava com os intelectuais da época, como Murilo Mendes, Alves Junior e Belmiro Braga. Eram tempos de romantismo e de lirismo, de conversas e namoros no Parque Halfeld, caracterizado pela discriminação: os brancos do lado direito e os pretos do lado esquerdo. Nos clubes – Juiz de Fora, Círculo Militar, Grafos e Planetas – dançavam-se tangos, valsas e chorinhos, enquanto nos carnavais desfilavam-se nos corsos. E foi neste cenário de desenvolvimento econômico e cultural que Juiz de Fora recebeu, em 1936, como doação de Alfredo Ferreira Lage, o Museu Mariano Procópio, com seu rico acervo histórico e seu belo parque.²

Ratifica CHRISTO (1994), que Juiz de Fora ficou conhecida por duas denominações: Manchester e Atenas Mineira. Até a década de 1920, a cidade foi apontada como centro cultural do estado, seja pelo seu número de jornais e teatros, seja pela expressão de suas escolas e instituições culturais. Nos escritos de YAZBECK (1999), a cidade possuía, nos anos 1920, um significativo número de escolas, jornais, teatros e instituições culturais; além disso, ocorre a ampliação de pessoas letradas entre as camadas médias.

Outro fator de destaque para a cidade, que a colocou entre as mais importantes do estado de Minas Gerais, foi a imprensa. De acordo com OLIVEIRA (1966), muitos jornais surgiram em Juiz de Fora desde a instalação de sua primeira tipografia, nos anos 1870. Destaque-se os jornais **O Farol**, **Correio de Minas**, **Jornal do Comércio**, **O Dia**, **Diário Mercantil**, **A Tarde** e **A Batalha**, todos diários, e os semanários **A Evolução**, **Lar Católico**, **O Lince** e **O Alicate**. Segue o autor dizendo:

² www.tribunademinas.com.br/especiais/museu/tp218.htm

Juiz de Fora era então chamada a "capital intelectual de Minas", pois, enquanto na capital do Estado havia apenas três jornais diários, aqui se editavam sete, nenhum deles inferior aos de lá. Mas teve ainda outros títulos. Artur Azevedo batizou-a como "Atenas", Coelho Neto chamou-a "Princesa de Minas" e Rui Barbosa crismou-a como "Barcelona". Outros apelidaram-na "Princesa da Mata" e "Princesa do Paraibuna", mas muito antes, alguém a aclamara "Manchester".³

OLIVEIRA (1966) atesta a importância da Academia Mineira de Letras, ao nos informar que sua fundação, em 25 de dezembro de 1909, foi fruto de iniciativas dos intelectuais de Juiz de Fora:

a Academia veio consolidar o prestígio de que Juiz de Fora gozava de ser a cidade mais culta e civilizada de Minas e justificar mais uma vez o honroso título que Artur Azevedo lhe havia dado – “Atenas Mineira” (OLIVEIRA, 1966, p.188).

Com o advento do romantismo, no século XIX, o teatro deslanchou. Em Juiz de Fora não foi diferente, já que a cidade foi palco de grandes companhias de teatro desde o início do século XX. Óperas do Rio de Janeiro e de São Paulo encontravam grande público na cidade. Destaque-se, no ano de 1859, a inauguração do Teatro Misericórdia, que serviu de palco para as apresentações do grupo Perseverança⁴.

Como atesta ROCHA (2001), a antiga cidade teve vários teatros, dentre os quais se destaca o Teatro Juiz de Fora, construído no final do século XIX pelos irmãos Frederico e Alfredo Ferreira Lage, filhos de Mariano Procópio, considerado um dos mais elegantes do Brasil.

Juiz de Fora ainda se atribuí ares europeu quando autoridades do município e da província e a nata da sociedade local se adornaram para solenemente inaugurar o Cine-Theatro Central, no ano de 1929. Havia a pouco terminado nossa *Belle Époque*, aquela era de ouro em que, progredindo a passos largos e com um perfil industrial e cosmopolita tão inusitado para uma cidade de minas agrária e barroca, a cidade

³ OLIVEIRA, Paulino de. **A imprensa em Juiz de Fora antes de 1930**. Disponível em: <http://www.ihgjf.com.br/rev2-20.htm>

⁴ Texto *Atenas Mineira*. Disponível em: http://jfempauta.com/page_id=6251.

inspirava comparações desbragadas a poetas e intelectuais de passagem por suas regiões; era a Manchester Mineira, graças ao ritmo frenético de suas fábricas; a Atenas Mineira, em função de sua efervescência cultural e artística; e ainda a Barcelona Mineira, por seu comércio pujante⁵.



Figura 8: Fachada do Cine-Theatro Central nos tempos de exibição dos filmes.

A cidade civilizava-se, já notava, em 1920, o poeta Murilo Mendes em uma de suas crônicas mundanas no jornal local *A tarde*. A proximidade com a capital do país, Rio de Janeiro, foi circunstância geográfica determinante para o espírito moderno, empreendedor e sofisticado de Juiz de Fora naquela época. Deste civilizar-se tão festejado pelo poeta, fazia parte o roteiro de programação chique da sociedade elegante: frequentar os teatros para assistir óperas, concertos e apresentações de companhias dramáticas. Idealizado pela elite desta sociedade e com sua beleza clássica, o Cine-Theatro Central foi a mais perfeita tradução da imagem em alta conta que os próprios juizforanos tinham de si mesmos⁶.

Podemos perceber que até mesmo o poeta Manuel Bandeira, tendo passado por Juiz de Fora, expressou sua afeição pela cidade ao compor o poema *Declaração de amor*, onde reconhece a importância e o pioneirismo da cidade, apontando o progresso e a produção cultural do município, conforme os versos:

[...]
Um fundo de chácara na Rua Direita
Coberto de trapuerabas...

⁵ Disponível em: <http://theatrocentral.oversec.com.br/historia/Origens/>

⁶ Disponível em: <http://theatrocentral.oversec.com.br/historia/Origens/>

Uma velha jabuticabeira cansada de doçura.
 Tuas três horas da tarde...
 Tuas noites de cineminha namorisqueiro...
 Teu lindo parque senhorial mais segundo-reinado do que a
 [própria Quinta da Boa Vista...
 Teus bondes sem pressa dando voltas vadias...

Juiz de Fora! Juiz de Fora!
 Tu tão de dentro deste Brasil!
 Tão docemente provinciana...
 Primeiro sorriso de Minas Gerais!⁷

Segundo MOREIRA (2007), ao mesmo tempo em que Juiz de Fora é evocada como um ambiente bucólico por Bandeira, é também símbolo de cidade que alcançou enorme desenvolvimento, que fez com que fosse chamada, por exemplo, de Manchester Mineira e de Atenas Mineira.

A vinda de diversos imigrantes influenciou o modo de pensar a cultura no município. Entre algumas das realizações culturais da imigração alemã está a vinda das freiras da Congregação das Irmãs de Santa Catarina. Elas vieram para o município em 1900 e fundaram o Colégio Santa Catarina, a fim de instruir as crianças da Colônia Alemã.

A primeira sessão de cinema de Minas Gerais aconteceu em 23 de julho de 1887 no Teatro Juiz de Fora. Era o início da contribuição de Juiz de Fora para a história da sétima arte no Brasil. Anos antes, no dia 27 de julho de 1886, nascia aquele que viria a ser um dos pioneiros do cinema nacional, João Gonçalves Carriço, amante das artes, que se dedicou a documentar a vida da cidade. Durante as décadas de 30, 40 e 50, Carriço registrou as manifestações populares, festas, carnaval, jogos de futebol e procissões – assuntos que focalizava em seus cinejornais. Carriço funda, em 1927, o Cine-Theatro Popular, na avenida Getúlio Vargas. Construído para promover diversão barata a quem não podia ir às outras salas de cinema da cidade, o Cine Popular, que atraía principalmente operários, crianças e trabalhadores, exibiu, dois anos mais tarde, o primeiro cinejornal de Carriço, que inaugurou, em 1933, a Carriço Film. A programação do Cine popular era atualizada, coincidindo com os lançamentos no Rio⁸.

⁷ BANDEIRA, Manuel. *Declaração de Amor* in Estrela da Manhã. São Paulo: Nova Fronteira, 2004.

⁸ Jornal Palco. **Carriço Film**. Juiz de Fora, maio/2009, ano II, nº06, p.3.

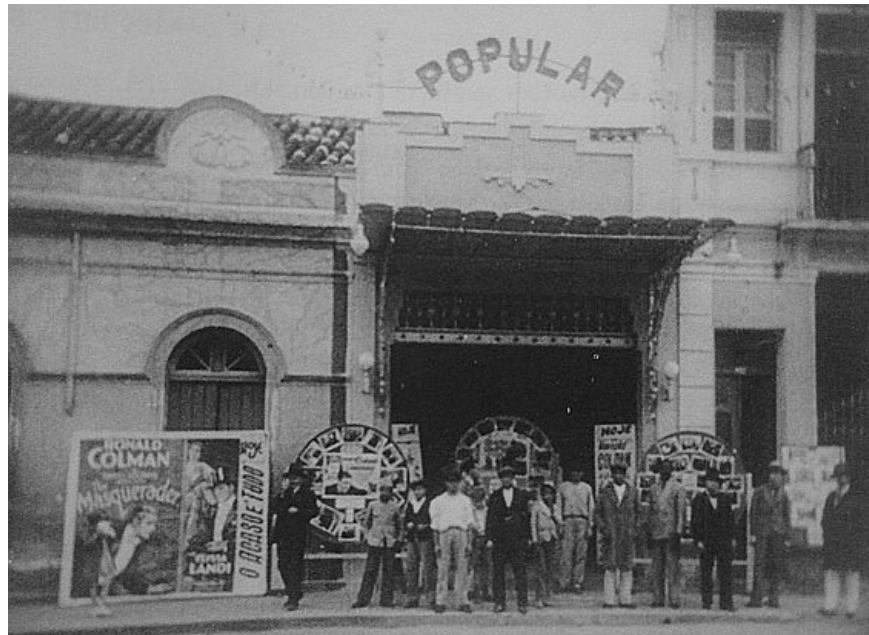


Figura 9: Fachada do Cine Popular.

No início dos anos 30, a cidade colocava-se em dia com a ascensão do cinema, que se tornaria, pouco mais tarde, uma das maiores manifestações artísticas do século XX. Os primeiros espaços construídos para exibição de filmes eram chamados de “teatros cinematográficos”: grandiosas salas mantinham os espetáculos teatrais, mas incorporavam a sua programação as histórias narradas através da lente de uma câmera⁹.

Em Juiz de Fora, por exemplo, o Cine-Theatro Central, inaugurado em 1929, foi responsável por colocar a cidade na rota das principais companhias nacionais e internacionais de teatro, ópera e dança, que dividiam o palco com o cinema. O jornal *Palco* registra que

o Central não foi o primeiro cinema ou cine-teatro de Juiz de Fora. Em 1900, estreava no Salão Paris, à rua Halfeld, o cinematógrafo da Empresa Leal & Amaral. Um pouco mais tarde, em 1912, o Cine-Teatro Farol já funcionava e, em 1927, o pioneiro João Carriço inaugurava o Cine-Theatro popular, na avenida Getúlio Vargas.

⁹ Jornal *Palco*. **Cine-Theatros: ideais de uma época**. Juiz de Fora, out./2009, ano II, nº11, p.1.

Juiz de Fora teve nos artistas Angelo Bigi, Heitor de Alencar, Sílvio Aragão, Carlos Bracher, Mário Vieira, Renato Stheling, Inimá de Paula, Wandyr Ramos, Dnar Rocha, representatividade no cenário da pintura. Estes talentosos pintores fizeram parte da Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras, cujas origens remetem ao ano de 1922, quando o pintor César Turatti criou um curso livre de desenho, pintura e escultura denominado Núcleo Hipólito Caron. No ano de 1934, Carlos Gonçalves e Américo Rodrigues fundaram o Núcleo Parreiras, embrião que mais tarde, no ano de 1939, se tornaria a Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras.¹⁰



Figura 10: Acervo da Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras.

Com uma história de pioneirismo, hegemonia e perseverança, a instituição desempenhou papel primordial para a cultura da cidade.

Relembrar a primeira transmissão de TV experimental da América Latina é também constatar o espírito precursor presente em épocas áureas de Juiz de Fora. Em 1948, o técnico eletrônico Olavo Bastos Freire realizou a primeira demonstração pública

¹⁰ Jornal Palco. **Parreiras e a pintura em Juiz de Fora**. Juiz de Fora, out./2009, ano II, nº11, p.3.

de TV, transmitindo imagens do Clube Juiz de Fora, na avenida Rio Branco. Desde então, a cidade mostrou ser vanguarda no setor e abrigou duas importantes emissoras para a história da mídia nacional: a TV Mariano Procópio, inaugurada em 1961, e a TV Industrial, que iniciou suas atividades no ano de 1964.¹¹

Outro fator propulsor da cultura em Juiz de Fora, nos anos 1950, foi o rádio, meio de comunicação mais popular, e suas emissoras ofereciam aos ouvintes, variado leque de atrações, como reportagens, radioteatro, orquestras, cantores. Embora a maior parte das produções fosse transmitida dos estúdios radiofônicos, os programas de auditório faziam o maior sucesso, por oferecerem ao público a oportunidade de ver de perto seus artistas favoritos, que a maioria só conhecia por suas vozes. Em Juiz de fora havia três emissoras: Rádio Industrial, PRB-3 e Tiradentes que, mais tarde, tornou-se Rádio Difusora Minas Gerais.¹²

3.1 Transformações na produção cultural de Juiz de Fora

Pelo exposto, podemos afirmar que Juiz de Fora foi um importante centro cultural, sendo a única cidade de sua microregião a ter cinemas, teatros e outros locais de entretenimento.

Entretanto, com Belo Horizonte se tornando a capital do estado de Minas Gerais, ocorreram transformações nas ações culturais do município.

No final dos anos 50 e 60, fatores como o crescimento populacional, a urbanização descontrolada, a economia baseada na prestação de serviços, o acirramento das questões sociais e o intenso debate político, característico dessa época, modificaram mais uma vez a cidade de Juiz de Fora.

Com o aumento da população, a especulação imobiliária, que sempre esteve presente no crescimento da cidade, motivou uma arquitetura “descuidada”. Em nome do baixo custo da construção, edificaram-se verdadeiros “caixotes”, tornando nossa cidade igual a qualquer outra. Os registros do passado, isto é, os prédios de

¹¹ Jornal Palco. **Juiz de Fora na tela da TV**. Juiz de Fora, set./2009, ano II, nº10, p.3.

¹² Jornal Palco. **Programas de auditório**. Juiz de Fora, jun./2009, ano II, nº07, p.3.

importância histórica, foram em grande parte destruídos em nome de um progresso questionável, uma vez que a maioria da população dele não participa.

Os arquitetos hoje fazem os caixotes coloridos e pronto, acabou. Onde tinha uma casa com um quintal maravilhoso com pomar, você tem edifícios, condomínios, e esses elementos aparecem.¹³

Segundo ROCHA (2001), as ruas da cidade preservam muito pouco da antiga Juiz de Fora, aquela da Rua Direita arborizada, riscada pelos trilhos dos bondinhos, das fábricas e seus operários, das diligências da União e Indústria, dos teatros e suas companhias líricas e dramáticas. Pode-se encontrar um ou outro vestígio dos tempos que nossos avós ou bisavós conheceram, mas a memória desta época sobrevive nas imagens dos fotógrafos que, no início do século passado, registraram a vida cultural e econômica da cidade.¹⁴

¹³ Depoimento de José Luiz Ribeiro, abril 2010.

¹⁴ ROCHA, Isaura. **Imagens do progresso**. Tribuna de Minas. 09.06.2001. Disponível em: www.tribunademinas.com.br/especiais/lembracas.php

4 CIDADE E MEMÓRIA

O presente capítulo abordará a imagem de Juiz de Fora retida na memória e na fala de seus moradores, como resultado de experiências já vividas. A pesquisa dedicou-se ao levantamento de informações através de documentos como artigos, revistas e jornais da história da cidade de Juiz de Fora, ou seja, o período de ascensão e declínio das indústrias têxteis que influenciou a produção cultural do município, mas, além da memória escrita, encontrada nesses documentos, buscou-se também a memória não escrita referente às recordações e representações de moradores mais antigos da cidade – uma ex-operária da fábrica Fiação e Tecelagem Antônio Meurer, um ex-trabalhador de uma gráfica e um professor da UFJF e produtor cultural –, tentando resgatar momentos vividos por essas pessoas, os quais não foram encontrados nos documentos escritos, mas que também fizeram parte da história da cidade. De acordo com VIEIRA (1989, p.12),

não só ao poeta, mas também a historiadores incumbe recuperar lágrimas e risos, decepções e esperanças, fracassos e vitórias, fruto de como os sujeitos viveram e pensaram sua própria existência, forjando saídas na sobrevivência, gozando as alegrias da solidariedade ou sucumbindo ao peso das forças adversas.¹⁵

Faz parte, portanto, deste estudo também o resgate, por meio de entrevistas, das recordações, das lembranças, das saudades e dos segredos guardados na memória de pessoas que passaram e fizeram parte da cidade. Em outras palavras, utilizou-se de fontes orais para reconstruir a história do município.

A memória do passado é algo valioso e, muitas vezes, tratada apenas como recordações sem importância de uma fase acabada. BOSSI (1994) afirma que:

não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais(...). Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização seria uma imagem fugidia.¹⁶

¹⁵ VIEIRA apud FERREIRA, Vanda Panisset Pedreira. (2000). **Antigo presídio**. Jornal Tribunal de Minas, Juiz de Fora, 25 de julho.

¹⁶ BOSSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das letras, 1994, p.81.

Ainda segundo BOSSI (1994), a memória permite a relação do presente com o passado, interferindo no processo atual das representações:

pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e inovadora.¹⁷

4.1 Notas sobre a história oral

A história oral desenvolveu-se inicialmente após a II Guerra Mundial, tendo como grande marco a criação do primeiro projeto formal de história oral, na Universidade de Columbia, Nova York. BRANDÃO (2007) nos informa que

a história oral foi motivada, nos anos sessenta, pela contracultura e pelos avanços tecnológicos posteriores à segunda Guerra Mundial, mediante a possibilidade de gravação de sons. Instituída, em 1948, como uma técnica moderna de documentação histórica, por meio do projeto realizado na Universidade de Columbia, de gravação de memórias de personalidades importantes na história dos Estados Unidos.¹⁸

Deve-se registrar que esse desenvolvimento deu-se através da combinação dos avanços tecnológicos, entre eles o gravador e à necessidade de se conhecer as experiências vividas por ex-combatentes, familiares e vítimas da guerra, através dos relatos orais¹⁹:

de início a história oral combinou três funções complementares: registrar relatos, divulgar experiências relevantes e estabelecer vínculos com o

¹⁷ BOSSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das letras, 1994, p.47.

¹⁸ BRANDÃO, Angela. **Memórias**: frigorífico das Indústrias reunidas Francisco Matarazzo em Jaguariaiva. Curitiba: PNUD, 2007, p.45.

¹⁹ GRELE, R. J. Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma crítica construtiva a história oral. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos & abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. cap. 4, p. 267-277.

imediate urbano, promovendo assim um incentivo à história local e imediata.²⁰

Para JOUTARD (2001), a primeira geração de historiadores orais surgiu nos Estados Unidos nos anos 50, com o propósito de reunir material para historiadores futuros. Tendo ainda como característica privilegiar as ciências políticas e se ocupar da história dos que ele denomina de “*notáveis*”. Na Itália a pesquisa oral foi utilizada para reconstituir a cultura popular, e no México os arquivos orais registravam as memórias e recordações dos chefes da revolução mexicana, sendo estes considerados por JOUTARD (2001), como a segunda geração dos historiadores orais. Esta segunda geração foi marcada por uma nova concepção da oralidade, se reportando aos relatos orais das minorias étnicas, dos iletrados, dos marginalizados entre outros. É uma história vista como alternativa a todas as construções historiográficas baseadas no escrito. Desenvolveu-se à margem da Academia, baseando-se implicitamente na idéia de que se chega à “*verdade do povo*” graças ao “*testemunho oral*”.²¹

Um dos aspectos indicativos do desenvolvimento dessa nova história oral foi a adesão de vários estudiosos entre eles Paul Thompson na Inglaterra, Mercedes Vilanova na Espanha e Danièle Hanet na França, podendo-se afirmar que foi a partir do XIV Congresso Internacional de Ciências Históricas de San Francisco, em 1975 e do primeiro Colóquio Internacional de História oral realizado em Bolonha, que se concretizou o marco fundamental da terceira geração de historiadores orais. No Equador, Bolívia e Nicarágua foram realizadas pesquisas orais sobre o mundo camponês, em Costa Rica a Escola de Planejamento e Promoção Social da Universidade Nacional em 1983, lançou um projeto com o objetivo de tentar escrever a história do país, através da narrativa do povo (FERREIRA; FERNANDES& ALBERTI, 2000). No Brasil em 25 de junho de 1973, foi criado o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), que buscava através dos relatos orais “*pensar e entender melhor o Brasil daquele período*” (CAMARGO, 1999, p.23).²²

²⁰ MEIHY, J.C.S.B. **Manual de História Oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998, p.22.

²¹ JOUTARD, P. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos & abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. cap. 4 , p. 267-277.

²² Ibid.

BRANDÃO (2007) destaca que as principais características da história oral são: utilização de histórias de vida, relatos orais e depoimentos orais (trabalho de resgate da memória), a criação de documentos a partir de fontes orais coletadas e a interação entre o pesquisador e o pesquisado. Nas palavras de Thompson, história oral é a que está baseada na fala e não na escrita.²³

4.2 A história de Juiz de Fora retida na memória de seus moradores

Levando-se em conta as questões de ordem metodológica descritas anteriormente, pode-se compreender melhor o procedimento adotado nesta pesquisa para estabelecer a relação entre a industrialização de Juiz de Fora e sua produção cultural. Cabe destacar que, conforme ARAÚJO & FERNANDES (2007),

ao incorporarmos o depoimento como fonte, o fazemos considerando sua dimensão analítica compatibilizando-a com as mudanças conceituais formuladas no interior da própria história.²⁴

Seguem as autoras afirmando que

o uso de entrevistas acena para uma nova forma de análise dos processos históricos, compreendidos como resultado de elaboração, podendo-se afirmar que “a história é sempre em construção”.²⁵

Isso posto, foram entrevistados três moradores, de diferentes idades e ocupações, que tiveram estreita ligação com a história da cidade. As entrevistas foram, portanto, construídas levando-se em consideração a subjetividade dos narradores e do entrevistador. Suas falas serão compreendidas, deste modo, como produtos da

²³ BRANDÃO, Angela. **Memórias**: frigorífico das Indústrias \reunidas Francisco Matarazzo em Jaguariaiva. Curitiba: PNUD, 2007, p.46.

²⁴ ARAÚJO, Maria Paula; FERNANDES, Tania Maria. O diálogo da história com a historiografia contemporânea. In VISCARDI, Cláudia M.R.; DELGADO, Lucília de A. Neves. **História Oral**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2007.

²⁵ Ibid.

memória. Para BRANDÃO (2007), a dimensão da memória integra, com imprecisões ou deformações, ao mesmo tempo, uma visão individual e coletiva do passado.²⁶

A cidade de Juiz de Fora, como apresentado nos capítulos primeiro e segundo, sempre se destacou na Zona da Mata como um dinâmico centro econômico, político, social e cultural. Possuía, desde a década de 1860, uma estrada que a ligava à Corte, instalada no Rio de Janeiro, facilitando, assim, o contato com a sede do Império. Já na década de 1870, a cidade ganha um telégrafo, imprensa, fórum e o Banco Territorial de Minas. Foram construídas as estradas de ferro D. Pedro II e Leopoldina, facilitando ainda mais o transporte da produção cafeeira para a capital do país, acelerando, desta forma, o progresso da cidade. Na década de 1880, os serviços urbanos foram fomentados pela instalação de bondes e telefones e fundação, em 1889, do Banco de Crédito Real. Houve implantação da iluminação pública, inicialmente a gás e, depois, também no mesmo ano, elétrica.²⁷

A construção da Usina Hidrelétrica por Bernardo Mascarenhas foi de fundamental importância para o desenvolvimento das indústrias, especialmente do ramo têxtil.

Tinham muitas indústrias em Juiz de Fora. Era a São Vicente, uma fábrica de cobertor; a Santa Cruz, que era uma fábrica de tecidos; tinha a Fiação e Tecelagem Industrial Mineira, Sarmento, Mascarenhas, que era perto da Fiação e Tecelagem Antônio Meurer, e outras pequenas indústrias. Essas que eu estou falando eram as maiores. As fábricas eram próximas.²⁸

Em 1911, Juiz de Fora possuía 58 estabelecimentos industriais e, dez anos depois, já havia 107. Empregava-se uma numerosa mão-de-obra operária, composta por trabalhadores nacionais e estrangeiros. Esta classe operária teve uma longa história de lutas por melhorias salariais e condições de trabalho.²⁹

Juiz de fora já era desenvolvida, tinha muitos operários. Desde as quatro horas da manhã já havia movimento de pessoas pelas ruas. Muitos iam

²⁶ BRANDÃO, Angela. **Memórias**: frigorífico das Indústrias \reunidas Francisco Matarazzo em Jaguariaiva. Curitiba: PNUD, 2007, p.50.

²⁷ OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Juiz de Fora**: vivendo a história. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

²⁸ Entrevista com Maria Cardoso da Silva, março 2010.

²⁹ OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Juiz de Fora**: vivendo a história. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

sem calçados, mal vestidos, porque não havia muito dinheiro, mas a gente era feliz. Eu ia para o trabalho a pé. Saía do Três Moinhos (Linhares) as quatro da manhã para pegar no serviço na Av. dos Andradas, às sete. Ainda estava escuro, e eu tinha muito medo. Já tinha o bonde, mas a gente não tinha dinheiro. Ganhava pouco e o dinheiro era para ajudar a pagar um aluguelzinho. Eu trabalhava em frente ao Seu Osvaldo das Cocadas. Tinha muita vontade de comer uma cocada, mas não tinha dinheiro.³⁰

Juiz de Fora era uma cidade industrial, o salário que o operário ganhava tinha que ser bem controlado para custear as despesas. O dinheiro não sobrava, pois se ganhava pouco.³¹

Por leituras de diferentes autores percebemos que algumas fábricas têxteis sobressaíram no período de 1911 a 1920: Fiação e Tecelagem Bernardo Mascarenhas, que atualmente abriga um centro cultural, parte do patrimônio histórico e arquitetônico da cidade; Fiação e Tecelagem Industrial Mineira; Fiação e Tecelagem Antônio Meurer; entre tantas outras.

Eu entrei para a indústria Meurer em 06 de fevereiro de 1937. Com apenas quatorze anos e três meses eu já tinha uma carteira assinada. Quem me apresentou ao gerente foi minha mãe que já trabalhava lá. Meu primeiro emprego foi na Fabrica Santana Bazoquini e Cia., uma fábrica de caixinhas, que ficava na Avenida dos Andradas. A Fábrica tinha três seções/ turnos e não parava. Nós éramos mil e duzentos operários. Eu trabalhava na Fiação e Tecelagem Antônio Meurer das 7h às 16h, depois mudei, passando a entrar às 6h e sair às 15h, e por fim pegava das 5h às 13h30.³²

Com 13 anos meu pai conseguiu que eu fosse trabalhar na gráfica da Academia de Comércio, e fiquei até os 20 anos. Dali, fui trabalhar na Tipografia Brasil, que era a mais antiga de Juiz de Fora, onde fiquei mais ou menos por seis anos. Depois fui trabalhar na Companhia Dias Cardoso, que era a maior gráfica do estado de Minas Gerais, na época. Funcionava na rua Halfeld. Trabalhei na Dias Cardoso até a firma fechar, mais ou menos uns oito anos depois. Com o fechamento da gráfica, os funcionários assumiram a firma, fundando a Gráfica, Comércio e Indústria, onde trabalhei mais uns vinte anos.³³

³⁰ Entrevista com Maria Cardoso da Silva, abril 2010.

³¹ Entrevista com Carlindo Pereira, abril 2010.

³² Entrevista com Maria Cardoso da Silva, abril 2010.

³³ Entrevista com Carlindo Pereira, abril 2010.

O desenvolvimento industrial de Juiz de Fora levou a cidade a ser conhecida como Manchester Mineira, resultado de um cotejo com a renomada cidade industrial da Inglaterra, Manchester. Juiz de Fora passou por muitas transformações que, naturalmente, alavancaram a vida cultural da cidade, que veio a ser conhecida como Atenas Mineira por seu número de teatros, jornais, escolas, cinemas e instituições culturais.

O ano de 1850 marca o nascimento de Juiz de Fora. A cidade daquela época era uma Juiz de Fora progressista porque havia as fazendas de café, e aos poucos vai aparecendo a indústria também. O pioneirismo de Bernardo Mascarenhas vai marcar com a primeira usina hidrelétrica o ponto fundamental para que esta cidade se torne uma cidade industrial. Junto com isso vieram os operários, porque nós tínhamos em Juiz de Fora uma série de imigrantes que vieram e mapearam a cidade de acordo com as diversas ruas. Dentro dessas fábricas que vão surgir, vai aparecer também uma comunidade proletária que vai dar a essa cidade um elemento muito rico, por exemplo, a quantidade de jornais que tinha no começo do século. Eram mais de vinte. Isso significa que esse operário não era um operário ignorante. Era um operário que dava uma olhada para a burguesia.³⁴

Tenho saudades do cinema. O cinema para mim era uma coisa extraordinária. Eu aprendi muito no cinema. Antes da sessão eles exibiam um jornal, onde eu recapitulava tudo o que se passava no Brasil. Eu freqüentava o cinema Popular, e assistia o jornal que o Carriço produzia. Eu tenho saudade do Cine Popular.³⁵

Eu saia muito. Até hoje quando passo pelo Cine-Theatro Central tenho vontade entrar e ficar na cadeira que eu sentava. Era na segunda fila embaixo, na terceira cadeira. A minha cadeira era cativa. Quando eu passo por lá tenho muitas saudades.³⁶

O rádio, o jornal e o cinema vão fomentar todo o pensamento dessa classe operária, e principalmente fomentar os sonhos, os modelos de vida: como é que as pessoas vão fazer, como é que as pessoas vão se vestir, ainda que, de repente a costureira pegue um modelo que saiu na revista, e faça um vestido igual, não é como hoje que você compre tudo numa determinada loja e acabou.³⁷

³⁴ Entrevista com José Luiz Ribeiro, abril 2010.

³⁵ Entrevista com Carlindo Pereira, abril 2010.

³⁶ Entrevista com Maria Cardoso da Silva, abril 2010.

³⁷ Entrevista com José Luiz Ribeiro, abril 2010.

O século XIX reserva a Juiz de Fora um dinamismo proporcionado pelo desenvolvimento de suas indústrias – nos moldes da modernização capitalista –, que trouxe para a cidade, além dos apitos das fábricas e da luz elétrica, o desejo de converter-se ao estado de civilização praticado na Europa. Seus teatros, cinemas, parques e a intensa atividade literária refletiam a vontade de criar uma nova imagem para a cidade.³⁸

Eu apreciava o Central. Ali era o teatro e o cinema. Aos domingos havia matinê, que começava às três horas. Eu ia sempre a essa matinê. Eu gostava muito de cinema, eu adorava, e o cinema que eu frequentava era o Central. Existiam outros locais. Tinha o cinema Glória e o Popular. Conheci muitos artistas no Central, entre eles a Dalva de Oliveira e um artista que eu tinha paixão por ele, o Orlando Silva. Este quando veio em Juiz de Fora, eu era casada, e meu marido um pouco ciumento. Quando anunciaram que Orlando Silva viria a Juiz de Fora, comentei com ele, que falou que eu não iria. Eu falei para ele que estava aguardando esse momento, que iria. Quase virou discussão, mas eu acabei indo. Quando eu vi Orlando Silva, nem sei o que senti. Fiquei gelada. Tive vontade de chorar, de gritar, mas fiquei calada por causa da emoção.³⁹

Há em Juiz de Fora, principalmente depois dos anos 20 com o crescimento dessas fábricas, as noites literárias promovidas pelos sindicatos, porque as pessoas escrevem, as pessoas leem, então Belmiro Braga, Oscar da Gama são os poetas que vão fixar para essas pessoas o prazer de falar poesia, e daí surgem também os grupos teatrais, porque esses grupos teatrais a princípio surgiram dentro das escolas.⁴⁰

Assinala ROCHA (2001) que Grandes peças eram exibidas nos teatros Juiz de Fora e Misericórdia, que depois se transformaria no Teatro Novelli. A sociedade se encontrava nos cinemas Polytiana, Pax, Pharol, Glória e Halfeld. Eram tempos de romantismo e de lirismo, de conversas e namoros no Parque Halfeld e de passeio pela rua Halfeld, curiosamente caracterizada pela distinção entre brancos e negros.⁴¹

³⁸ OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Juiz de Fora**: vivendo a história. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

³⁹ Entrevista com Maria Cardoso da Silva, abril 2010.

⁴⁰ Entrevista com José Luiz Ribeiro, abril 2010.

⁴¹ Disponível em www.tribunademinas.com.br/especiais/museu/tp218.htm. Acessado em 12.04.2010

Eu frequentava o cinema. O Parque Halfeld era o passeio da moçada. Eu era uma das fãs. Ali existe uma jaqueira ao lado da igreja de São Sebastião que faz parte da minha história. Ela é bem redonda, tem um banco bem embaixo, onde começou minha vida de namoro. Existia dentro do jardim um prédio onde funcionava uma rádio chamada PRB3. Naquela época havia um pouco de preconceito em Juiz de Fora, e a Rua Halfeld era dividida: quem era simples, pobre, escuro passeava na parte mais baixa. Os que eram mais importantes, mais claros, passeavam na parte de cima. Não sei se eram as pessoas de cor que faziam o preconceito, e se afastavam, ou se eram os brancos que se retiravam dali. Só sei que havia uma divisão.⁴²

O período de prosperidade industrial de Juiz de Fora começou a entrar em crise já no final da década de 1930. Com o objetivo de tornar o estado de Minas Gerais mais forte e unido, como era o Rio de Janeiro e São Paulo, foi planejada a capital mineira, Belo Horizonte, no centro do estado. Assim, os interesses voltaram-se para a nova capital, a partir de sua fundação em 1897. A cidade, aos poucos, vai sendo deixada de lado, perdendo o seu papel de primeira do Estado. As fábricas da cidade passaram a sofrer concorrência da indústria paulista que possuía instalações mais modernas, tecidos de algodão mais bem acabados e de melhor qualidade. As grandes indústrias entraram em falência.⁴³

Foram diminuindo os operários, porque as máquinas foram ficando antigas, passou-se a produzir tecidos muito grossos; não era mais aquela malha boa que estava indo para o mercado; era uma malha feia, grosseira. Com isso os operários foram sendo mandados embora, foi diminuindo até que os Meurer resolveram vender a Fiação e Tecelagem Antônio Meurer. Venderam para um homem chamado Celso Rodrigues. Parece que ele não soube conduzir a Fábrica, e veio o fechamento, em 16 de dezembro de 1964. Nós chegamos lá, em uma manhã, exatamente às cinco horas da manhã e tinha um aviso no portão: por motivo de força maior estava fechada a indústria. Aí foi aquele desespero.⁴⁴

Segue a entrevistada opinando sobre os motivos que ocasionaram o fechamento das indústrias:

Sobre o fechamento das fábricas, penso que com a mudança na maneira de tecer, os tecidos mudaram, e as indústrias continuaram com

⁴² Entrevista com Maria Cardoso da Silva, abril 2010.

⁴³ OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Juiz de Fora**: vivendo a história. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

⁴⁴ Entrevista com Maria Cardoso da Silva, abril 2010.

os métodos antigos, não acompanharam a evolução, o que provocou o fechamento.⁴⁵

Ou ainda na fala de outro entrevistado:

Com o passar dos anos começaram a aparecer máquinas mais modernas, e as fabricas não conseguiam renovar o maquinário para competir com as outras, e acompanhar o ritmo do progresso, fabricando com qualidade e boa produção. Belo Horizonte já estava bem desenvolvida, e passou à frente. Até aquela época, Juiz de Fora tinha a maior produção do estado de Minas, e exportava. Num período de 20 anos muitas fábricas fecharam.⁴⁶

Segundo OLIVEIRA (1994) outras questões também devem ser ressaltadas para justificar a relativa decadência da indústria juizforana que influenciou a produção cultural da cidade, que sofreu significativas transformações: ausência de capitais para novos investimentos; falta de infraestrutura urbana, bem como a falta de um eficiente fornecimento de energia elétrica e rede de transportes.⁴⁷

Começa a queda dessa sociedade, quando Juiz de Fora começa a perder aquele feudo das famílias tradicionais que ocupavam os grandes casarões na Rua Rio Branco, eles começam a perder quando os filhos começam a não continuar as tradições. E você tem nesse momento o fechamento das fábricas. Até a São Vicente, que eu pensava que não iria terminar nunca, porque ela fabricava cobertor para pobre, e como a pobreza não acaba nunca, eu pensei que ela ia continuar, e ela fechou. Quer dizer; nem para os pobres continuou esse trabalho. Houve uma modificação, o que Juiz de Fora perdeu, talvez, foi a sua força, porque as pessoas vinham do Rio para comprar malha, para comprar meia, e Juiz de Fora era um grande centro fornecedor.⁴⁸

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ Entrevista com Carlindo Pereira, abril 2010.

⁴⁷ OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Juiz de Fora**: vivendo a história. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

⁴⁸ Entrevista com José Luiz Ribeiro, abril 2010.

5 CONCLUSÃO

O panorama que acabamos de pintar reflete o objetivo primeiro deste trabalho: investigar, por meio de pesquisa histórica, a relação de dependência entre a produção cultural de Juiz de Fora e sua indústria têxtil, destacando seu processo de declínio.

O surgimento de um mercado de mão-de-obra livre e especializada em Juiz de Fora ocorre concomitantemente com a sua gradativa urbanização e industrialização nas décadas finais do século XIX, processos estes que acontecem em função da consolidação e expansão da economia agroexportadora da Zona da Mata mineira no período e a inserção do município como núcleo urbano por excelência no interior dessa economia. Desde o último decênio daquele século, diversas tecelagens de grande porte são instaladas na cidade, dando origem ao maior parque têxtil do estado de Minas Gerais da época e ao título com que suas elites políticas e econômicas orgulhavam-se em apresentá-la: *Manchester Mineira*.⁴⁹

Pelos capítulos apresentados conclui-se que a indústria têxtil em território juizforano provocou profundas transformações no seu espaço de produção, bem como em sua vida cultural. A produção cultural no município, impulsionada pelo dinamismo industrial do período, levou a cidade a ser conhecida como *Atenas Mineira*, título concedido por Arthur Azevedo, dada a efervescência cultural de Juiz de Fora, que possuía diversos jornais, escolas, escritores, teatros e cinemas.

Finalmente, esta pesquisa revelou a importância das fábricas têxteis para a economia e a produção cultural de Juiz de Fora, percebida no conjunto de textos pesquisados e no percurso da memória dos antigos moradores da cidade. Tal importância se faz sentir, principalmente, por meio dos relatos, sob diversos ângulos da vida em comunidade. A relevância dos estudos aqui expostos suscita novas reflexões, para trabalhos futuros de pesquisa, bem como apresenta novos olhares à industrialização e produção cultural de Juiz de Fora.

⁴⁹ OLIVEIRA, Luís Eduardo de. **Cultura política e luta de classes**: a experiência social dos trabalhadores de Juiz de Fora durante a primeira república. Rio de Janeiro: Universidade Severino Sombra. p.3.

6 RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Carlindo Pereira, 83 anos. Foi funcionário da Gráfica Academia de Comércio durante 20 anos. Trabalhou na Tipografia Brasil, a mais antiga de Juiz de Fora, por 6 anos; na Companhia Dias Cardoso durante 8 anos e na Gráfica Comércio e Indústria por 20 anos.

José Luis Ribeiro, 68 anos. Diretor teatral e professor da UFJF. Possui doutorado em Comunicação e Cultura pela UFRJ, mestrado em Teatro pela UNIRIO. É o coordenador-geral do Centro de Estudos Teatrais – Grupo Divulgação, entidade cultural com 44 anos de atuação. Há dez anos é supervisor do Fórum da Cultura, onde realiza um trabalho de ensino, pesquisa e extensão.

Maria Cardoso da Silva, 84 anos. Assim como sua mãe, foi funcionária da Fiação e Tecelagem Antônio Meurer. Trabalhou na referida indústria têxtil de 06/02/1937 a 16/12/1964.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Silvia M. B. Vilella de. **Classe operária em Juiz de Fora: uma história de lutas (1912-1924)**. Juiz de Fora: EDUJF, 1987.

ARAÚJO, Maria Paula; FERNANDES, Tania Maria. O diálogo da história com a historiografia contemporânea. In VISCARDI, Cláudia M.R.; DELGADO, Lucília de A. Neves. **História Oral**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2007.

BASTOS, Suzana Quinet de Andrade. **Juiz de Fora: análise do desenvolvimento industrial e dos desafios colocados pela implantação da Mercedes-Benz**.

BOSSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRANDÃO, Angela. **Memórias: frigorífico das Indústrias reunidas Francisco Matarazzo em Jaguariaiva**. Curitiba: PNUD, 2007.

CALVANO, Flávia & GONÇALVES, Tânia Regina P. da Silva. **Um olhar geográfico sobre a indústria têxtil em território juizforano (1908-1920)**. Juiz de Fora: CES Revista, 2007.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. **A Europa dos Pobres: a Belle-Époque Mineira**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

GRELE, R. J. Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma crítica construtiva a história oral. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos & abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. cap. 4.

JOUTARD, P. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos & abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. cap. 4 .

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de História Oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MOREIRA, Daniel da Silva. **Bandeira em Juiz de Fora: poesia**. Mafuá: Revista de Literatura Virtual. UFSC, ano 5. nº7, 2007.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Juiz de Fora: vivendo a história**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

OLIVEIRA, Paulino de. **História de Juiz de Fora**. 2 ed. Juiz de Fora: Gráfica Comércio e Indústria Ltda, 1966.

PAULA, M. C. S. **As vicissitudes da industrialização periférica: o caso de Juiz de Fora (1930/1970)**. Belo Horizonte: UFMG, 1976 (dissertação de mestrado).

PIRES, A. J. **Capital agrário, investimentos e crise na cafeicultura de Juiz de Fora (1870/1930)**. Niterói: UFF/CEG/Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 1993, p.158 (Dissertação de mestrado).

ROCHA, Isaura. **Luxo, cultura e caridade**. Tribuna de Minas. Disponível em: www.tribunademinas.com.br/especiais/lembracas.php

VALE, Vanda Arantes. **Juiz de Fora: “Manchester Mineira”**. Inglaterra: Cambridge, III Encontro da Associação de Estudos Brasilinistas, 1996 (comunicação apresentada).

VIEIRA apud FERREIRA, Vanda Panisset Pedreira. (2000). **Antigo presídio**. Jornal Tribunal de Minas, Juiz de Fora, 25 de julho.

YAZBECK, Dalva Carolina de Menezes. **As origens da Universidade de Juiz de Fora.**
Juiz de Fora: Editora UFJF, 1999.

ANEXO

Depoimento de José Luiz Ribeiro

O ano de 1850 marca o nascimento de Juiz de Fora. A cidade daquela época era uma Juiz de Fora progressista porque havia as fazendas de café, e aos poucos vai aparecendo a indústria também. O pioneirismo de Bernardo Mascarenhas vai marcar com a primeira usina hidrelétrica o ponto fundamental para que esta cidade se torne uma cidade industrial. Junto com isso vieram os operários, porque nós tínhamos em Juiz de Fora uma série de imigrantes que vieram e mapearam a cidade de acordo com as diversas ruas. Dentro dessas fábricas que vão surgir, vai aparecer também uma comunidade proletária que vai dar a essa cidade um elemento muito rico, por exemplo, a quantidade de jornais que tinha no começo do século. Eram mais de vinte. Isso significa que esse operário não era um operário ignorante. Era um operário que dava uma olhada para a burguesia, e o sonho dele era que o filho estudasse, e ele tinha uma característica que era muito ligada ao elemento escolar, ou seja, quem fizesse o primário naquela época tinha uma cultura que durante anos e anos, mesmo só com o primário ele continua a ler, ele continua a ouvir coisas que são importantes.

Há em Juiz de Fora, principalmente depois dos anos 20 com o crescimento dessas fábricas, as noites literárias promovidas pelos sindicatos, porque as pessoas escrevem, as pessoas leem, então Belmiro Braga, Oscar da Gama são os poetas que vão fixar para essas pessoas o prazer de falar poesia, e daí surgem também os grupos teatrais, porque esses grupos teatrais a princípio surgiram dentro das escolas.

Uma cidade como Juiz de Fora que tinha uma série de escolas principalmente religiosas, apenas o Granbery era de outra profissão de fé, vai ter muitos estudantes trabalhando com teatro, mas seria um teatro estudantil. Depois nós vamos ter as companhias de teatro, que são as companhias dentro das fábricas, como a Companhia Mineira de Eletricidade que tinha um núcleo de teatro. Eram funcionários que se reuniam para fazer teatro. Nós temos uma série de nomes que depois ficaram nos anos 60.

O Rádio vai aparecer como um elemento de cultura, por exemplo, quando se tem um programa de rádio como “Tango e Fantasia”, no qual toca uma música e declama um poema de J. G. de Araújo Jorge, as pessoas gostam de ouvir poesia. E esses operários como já dissemos, não são ignorantes. Aqueles que vão para as escolas de samba são letristas fabulosos, com um vocabulário muito rico. Não se pensa no operário como uma pessoa burra. Até a costura dele para ir ao cinema: ele vai ajeitado, ele vai arrumado, ele vai de terno, porque as pessoas iam ao cinema, e se preparavam para ir ao cinema.

Nos anos 40 as pessoas usavam chapéu, as pessoas usavam luvas, e você tinha não só o Cine-Theatro Popular, mas o Cine-Theatro Glória, e você tinha diversos espetáculos que vinham de fora, como *Morineau*. Procópio Ferreira e essas pessoas de fora frequentavam esses espetáculos, que eram normalmente apresentações de quatro peças num final de semana que eles tinham que percorrer isso tudo para ganhar o dinheiro porque naquela época não tinham esses patrocínios que temos. Então eles faziam o que se chamava de mambembe do teatro.

O rádio, o jornal e o cinema vão fomentar todo o pensamento dessa classe operária, e principalmente fomentar os sonhos, os modelos de vida: como é que as pessoas vão fazer, como é que as pessoas vão se vestir, ainda que, de repente a costureira pegue um modelo que saiu na revista, e faça um vestido igual, não é como hoje que você compre tudo numa determinada loja e acabou. Então, dois elementos vão se fixar: primeiro, Arthur Azevedo que no começo do século vinha muito a Juiz de Fora para assistir espetáculos, e ele, como grande autor e amigo dessas pessoas é que vai intitular Juiz de Fora de *Atenas Mineira*, tal o número de poetas e pessoas importantes. E Rui Barbosa vai chamar Juiz de Fora de *Manchester Mineira*, quer dizer os dois elementos imensamente importantes da cultura nacional têm uma ligação com uma Juiz de Fora, que fora uma cidade muito progressista para os anos 40.

Logo temos uma cidade que se destaca na região com o primeiro sindicato dos jornalistas, a Associação de Belas Artes Antonio Parreiras, sendo que muitas dessas entidades foram para Belo Horizonte, depois que se criou a capital, mas Juiz de Fora foi muito rica, se pensarmos que existia, por exemplo, a Orquestra Filarmônica, em que os músicos de bandas, também tocavam na Orquestra Filarmônica, que criou um trabalho,

que depois veio fomentar o trabalho do Pró-Música. As pessoas pagavam uma taxa para ter um concerto por mês. Isso significava um processo de cultura no qual a filha do operário aprendeu a dançar com a Maria do Carmo Carriço.

Existia todo um respaldo de uma cidade que poderia ter até pessoas que você poderia dizer que eram simples e pobres, porque existiam pessoas simples e pobres, mas que não eram indigentes, porque sempre tinha um chiqueiro no fundo do quintal, tinha uma horta, e as pessoas não passavam fome. Então, esse elemento do rádio com as músicas, e as pessoas aprendendo inclusive música clássica, vão fomentar todos esses processos de uma cultura quase que clássica e erudita, no qual o operário daquela época vai beber nessas fontes. Então, embora você tenha uma Juiz de Fora de elite, você tem também o cinema que vai aparecer com apresentações todos os dias e, com sessões especiais: quintas-feiras, a sessão das moças onde se pagava mais barato, e também aos sábados e domingos. O grande programa era levar a família ao cinema porque não existindo a televisão, o rádio fomentava isso, e do rádio você tinha duas revistas que mostravam retratos da Emilinha Borba, e que fizeram com que o rádio daqui tivesse similares: a orquestra do Mário Vieira que tocava na rádio Industrial, e na PRB3, nos programas de auditório, e uma série de cantores que imitavam aqueles cantores que você tinha na rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Tínhamos, então, um *casting* de artistas, inclusive um elenco de rádioteatro fabuloso, com Natálio Luz, Mário Cézár, entre outros. E isso vai culminar até uma parte dos anos 60, com José Carlos de Lery Guimarães, Waltencir Matos. Isso vai dar numa Juiz de Fora progressista, uma Juiz de Fora com um universo cultural, que vai ter uma Associação dos Trovadores, que era uma associação de poetas.

Os teatros que vão aparecer, depois dos teatros universitários, vão justamente fomentar a cultura, e o papel, já a partir da década de 60, que a Universidade passa a ter como fomentadora de cultura. Começa a queda dessa sociedade, quando Juiz de Fora começa a perder aquele feudo das famílias tradicionais que ocupavam os grandes casarões na Rua Rio Branco, eles começam a perder quando os filhos começam a não continuar as tradições. E você tem nesse momento o fechamento das fábricas. Até a São Vicente, que eu pensava que não iria terminar nunca, porque ela fabricava cobertor para pobre, e como a pobreza não acaba nunca, eu pensei que ela ia continuar, e ela

fechou. Quer dizer; nem para os pobres continuou esse trabalho. Houve uma modificação, o que Juiz de Fora perdeu, talvez, foi a sua força, porque as pessoas vinham do Rio para comprar malha, para comprar meia, e Juiz de Fora era um grande centro fornecedor.

Quando o Diário da Tarde saía e ia para as portas das fábricas, o operário comprava o jornal. Não era um jornal erudito, ele falava sobre crime, falava sobre futebol, mas o operário lia, essa é que era a diferença, ele lia o jornal, ele sabia das notícias. Hoje não, hoje ele assiste à televisão, e vê as notícias. Como a televisão está cada vez mais burocrática, cada vez mais fragmentada, cada vez mais explicando menos as notícias, ele acaba redundando naquilo que seria. Você não tem nem o operário, por assim dizer, você tem em determinados locais. Você não tem mais aquela massa operária, proletária que você tinha anteriormente, que enchiam as gafieiras, que eram uma coisa riquíssima em termos disso, que rodavam as escolas de samba, que davam uma coisa de cultura popular muito rica. Houve queda? Diante do que ela tinha, diante do esplendor. Você pega uma casa como o Fórum da Cultura, com vitrais ingleses, hoje você já não tem. Mas não tem em qualquer lugar, não é só aqui em Juiz de Fora, é o Brasil que mudou.

Os arquitetos hoje fazem os caixotes coloridos e pronto, acabou. Onde tinha uma casa com um quintal maravilhoso com pomar, você tem edifícios, condomínios, e esses elementos aparecem. Você vai notar que uma massa operária vai se modificar porque acabaram as fábricas. As pessoas vão ser caixeiros de lojas ou vão trabalhar nas repartições públicas; então, você divide esse aspecto, principalmente a partir de 60 com a criação da Universidade. Nós vamos ver a importância de Paschoal Carlos Magno para o teatro de Juiz de Fora. Ele começa quando o professor Medina traz um grupo de teatro do Paraná, que tinha ido num festival do Paschoal, e esse grupo vai se apresentar no teatro do SESI. Lá estão Lucas Marques do Amaral, José Geraldo Teixeira, e eles ficam encantados e criam o Teatro do Estudante. Esse teatro recebeu a peça *Pluft, O Fantasminha*, de Maria Clara Machado. Esses estudantes que eram secundaristas entraram para a Universidade, cujo Reitor era o Dr. Moacir Borges de Matos, e eles criam o chamado Teatro Universitário. Esse teatro tinha uma diretoria, e essa diretoria convidava dois ou três universitários, e eles faziam uma peça. Ele não

teve uma vida longa e num determinado momento em que a Reitoria deu um apoio muito grande, é o momento em que eu passo pelo Teatro Universitário, mas 1966 é uma resposta ao 1964, que é um movimento, e em 1968 o AI5.

O Teatro Universitário morre, primeiro porque as pessoas não estavam muito interessadas, segundo porque a Reitoria até deu muito dinheiro para fazer uma peça chamada *O Coronel de Macambira*, e esse Coronel de Macambira, de repente foi vítima de muito problema. Eu acabei dirigindo várias montagens que foram para o Rio, inclusive nós recebemos um convite para levá-lo à França, mas acabou não indo. Esse teatro se dilui, o Lucas Marques do Amaral fez a última peça que é *À Margem da Vida*, paga as despesas e acaba com o Teatro Universitário. Mas nesse momento já existia um Centro de Estudos Teatrais, porque se você usasse o nome “Teatro Universitário”, você era perseguido pela censura. Então nós criamos um Centro de Estudos Teatrais, que é o Grupo Divulgação, que é um centro de estudos até hoje.

Os teatros universitários que tinham no Brasil inteiro foram perseguidos pela ditadura. Nesse momento então, o Divulgação surge em 1966, como Centro de Estudos da Faculdade de Filosofia e Letras. Nessa Faculdade trabalhava-se muitas semanas: Semana da Idade Média, Semana de Literatura, e as pessoas pediam para que se preparassem espetáculos sobre Carlos Drummond, espetáculo sobre Manoel Bandeira, e a nós não tínhamos nem pretensão. O que queríamos era estudar teatro, por isso éramos um centro de estudos. A partir daí, começamos a fazer teatro e não paramos mais. Um fato importante é em 1972, quando o Prof. Gilson Salomão (Reitor), com a transferência da Faculdade de Direito da Rua Santo Antonio, 1112 para o Campus, em 1971, deixando livre este espaço. Gilson Salomão reúne as entidades culturais que existiam em Juiz de Fora, faz uma seleção e decide que elas ocupariam o espaço enquanto trabalhassem e produzissem. Dessas entidades, praticamente sobraram o Coral Universitário e o Grupo Divulgação.